

**XV SEMINÁRIO DE ECONOMIA MINEIRA
28 DE AGOSTO A 1º. DE SETEMBRO DE 2012**

Título do trabalho:

“A Migração Interregional de Capitais: a formação da *plantation* açucareira de Campinas e a família Teixeira Vilella - riqueza e escravaria”

Autora:

Maria Alice Rosa Ribeiro

Pesquisadora Colaboradora do Centro de Memória Unicamp CMU

Resumo

O texto é um estudo sobre a formação da *plantation* açucareira em Campinas na segunda metade do século XIX. Aborda a transição da economia de mercado interno para a agroexportadora açucareira, por meio da presença de uma família mineira – os Teixeira Vilella. Com base no testamento e no inventário de Antonio Manoel Teixeira, o estudo traz uma análise da composição da riqueza e da sua escravaria.

Palavras-chave: economia açucareira, *plantation*, riqueza, composição da escravaria, Campinas

Área Temática: História Econômica e Demografia Histórica

Abstract

The paper is a case study, related to the sugar-cane plantation economy, in Campinas, São Paulo, Brazil, in the second half of the nineteenth century. It is centered around the transition from an internal market to an exported oriented sugar-cane economy, and takes a "mineira" family as representative - the Teixeira Vilella. Having as documental basis the will and inventory of Antonio Manoel Teixeira, the paper analyses the composition of the family wealth, with special emphasis in its slave-labor.

Keywords: sugar economy, plantation, wealth, slavery, Campinas

1. Um preâmbulo: testamento de Antonio Manoel Teixeira, 1833

Em 13 de julho de 1850, quando o comendador Antonio Manoel Teixeira faleceu, teve início o Processo de inventário.¹ O testamento foi a primeira peça aberta e lida pelo Juiz de Órfãos e pelo inventariante e testamenteiro Capitão Jaime da Silva Telles. Escrito em 1833, Antonio Manoel nos conta que era solteiro, filho legítimo do guarda-mor de alta honraria Manoel Teixeira Vilella e de Dona Maria Joaquina Roza, já falecidos, e nascera em Pitangui da Província de Minas Gerais. Declara que tinha um filho natural chamado Francisco Teixeira Vilella, que morava com seu irmão, José, padrinho do menino. No testamento declara seu único filho seu herdeiro universal, segundo seus desejos manifestados por suas palavras:

Declaro que sou solteiro e tenho filho natural Francisco, o qual está em casa de meu irmão José Manoel Teixeira que o levou para criar por ser seu afilhado, instituo meu único universal herdeiro ao dicto meu filho e depois de cumprido tudo que aqui determino herdará todos os meus bens (Proc. n. 2899, 1852, p.2).

O comendador Antonio Manoel era um dos maiores senhores de engenho da Vila de S. Carlos, mais tarde denominada Campinas, proprietário da Fazenda Engenho da Cachoeira, immortalizada pelas aquarelas e nanquins de Hercule Florence,² que lá esteve, no mínimo, em três ocasiões registradas nas suas pinturas. Em 1835, fez um esboço a nanquim da paisagem ocupada pela propriedade: ao fundo, matas, no centro, plantações de cana, um talhão aparentemente de café, representado por minúsculos pontinhos enfileirados, casa de morada, engenho e senzala e, em primeiro plano, plantas ornamentais que serpenteavam o caminho para se chegar à propriedade. No seu diário, Florence anotou: *O sítio de Antonio Manoel Teixeira é um passeio muito agradável a cinco léguas N. O. de São Carlos, Província de S. Paulo. A bondade deste senhor é extrema.* Com base em um desenho, Florence fez uma das suas aquarelas mais bonitas e impressionantes. O artista foge do colorido, usa preto, branco e seus matizes em luzes e sombras, que se projetam no chão, para registrar o quadro *Partida dos Negros para a Roça*, assim denominado pelo próprio autor em seus manuscritos. Parece uma cena cinematográfica, que o inventor da fotografia concebeu ainda nos anos de 1830 (HERCULE FLORENCE, 2009:85).

Por fim, em 1848, a ida à fazenda da Cachoeira foi marcada pela aquarela o “corte da cana-de-açúcar”. Nela aparecem 30 escravos em intenso movimento de colheita da cana e um feitor negro que, vez por outra, os chicoteia, segundo a anotação do artista, para mostrar “zelo no cumprimento do dever”. Restou ao artista apressar seu trabalho para evitar mais castigos aos negros (HERCULE FLORENCE, 2009:79-85).

Há outra aquarela, mas sem data, provavelmente de 1835, que mostra em primeiro plano o proprietário e um hóspede, para, em seguida, abrir uma vista panorâmica da fazenda, margeada pelo rio Jaguari. Distinta da aquarela “partida dos negros para a roça”, aqui o artista explora as cores e os diversos tons do verde, amarelo, oliva, marrom, cinza, branco e pontinhos de bordô. É delicada e, ao mesmo tempo,

¹ TJC 1º. Of, Cx 162, Proc. n.. 2899. Inventário do Comendador Antonio Manoel Teixeira, 13 fev. 1852. De agora em diante citado como Proc. n. 2899, 1852. Para fazer a leitura e a transcrição dos dados contidos nos inventários, contei com o auxílio de Maria Teresa Penteadó Martini Garcez, a quem agradeço e faço aqui meu reconhecimento.

² Agradeço a Suzana Barretto Ribeiro por me indicar a obra do maravilhoso artista e inventor.

exuberante. O artista deu-lhe o título de “Vista do sítio de Antonio Manoel Teixeira” (FLORENCE, 2009:80-81).

A aproximação entre Antonio Manoel e Florence parece ter sido propiciada pelo sogro de Florence, o cirurgião-mor Francisco Álvares Machado de Vasconcelos, pai de sua primeira esposa, que foi um dos testamenteiros de Antonio Manoel. Pelo que parece, eles se tornaram “amigos íntimos e compadres”, como afirma Pupo, com base nos escritos do filho de Florence (Proc. n. 2899, 1852:2-3; PUPO, 1969:129-130).

Na fazenda Engenho da Cachoeira, existiam 230 escravos, segundo as declarações contidas no testamento, cujos nomes estavam lançados no “livro grande”. Desses 230 escravos, Antônio Manoel declara o seu desejo de conceder liberdade, depois do seu falecimento, a 9 casais. Eram eles: Antonio Benguela (carreiro) e sua mulher Roza; João (sapateiro) e sua mulher; Matheus Cabinda e sua mulher Violante; João Telles e Eva; Roberto-Ignácio (carpinteiro) e Joaquina e filho; Joaquim (alfaiate) e mulher Dina; Adão e mulher Firmina e filhos; José da Cruz e Teresa e José Caçange e sua mulher Mafalda. O fazendeiro determinava que os testamenteiros providenciassem uma casa para os dois últimos casais, para que tivessem onde morar por toda a vida e, após a morte deles, os seus filhos a herdassem. Para os escravos com ofício, sapateiro, alfaiate e carpinteiro, Antonio Manoel determinou que lhes fosse dada a quantia de 100\$000 (cem mil réis) para a compra de ferramentas para o exercício do seu ofício. Por fim, Antonio Manoel explicita o porquê de libertar seus escravos: *Declaro que tudo isso faço em recompensa dos bons serviços que os ditos escravos tem prestado* (Proc. n. 2899, 1850: 3-4v.).

2. Vinda dos Teixeira Vilella para Campinas – o começo da economia açucareira

Depois desse preâmbulo, volto a acompanhar alguns eventos que marcaram o caminho percorrido por Antonio Manoel até a sua morte e a abertura do inventário. Começo pela vinda da família de Antonio Manoel Teixeira de Minas Gerais para Campinas, em 1797, que coincide com a elevação da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas à Vila de São Carlos, desmembrada da Vila de Jundiáí. Uma parte da sua família – o avô paterno, Domingos Teixeira Vilella, sua avó e alguns tios, como Frei Antonio de Pádua, Joaquim José Teixeira Nogueira, Padre José Teixeira Vilella, Felipe Néri Teixeira e sua tia Joana Antonia – estava estabelecida na freguesia há mais de duas décadas.³ Em 1774, Frei Antonio de Pádua, seu tio, foi o vigário nomeado pelo Bispo de São Paulo, Frei Manoel da Ressurreição, para criar a nova paróquia na freguesia. O frei rezou a primeira missa na recém-criada freguesia em 14 de julho de 1774 (PUPO, 1969:52; Memória Histórica, 1952:23-24).

Entusiasmado com a expansão da nova freguesia, Frei Antonio de Pádua incentiva seu pai e seus irmãos a virem de Baependi para Campinas. Seus familiares chegaram por volta de 1775. Nesse ano, pela primeira vez, seu avô, Domingos Teixeira Vilella, consta do recenseamento da população, junto com sua esposa, Angela Isabel Nogueira Prado, e filhos, José, Felipe, Joaquim e Joana (PUPO, 1969: 227 e 294).

Entretanto, seu pai, Manoel Teixeira Vilella, nascido em Lavras do Funil, Bispado de Mariana, Distrito de Minas Gerais, por volta de 1752, era o único da família a permanecer em Minas Gerais, em Baependi, onde era guarda-mor, agricultor, cultivava alimentos, criava porcos e produzia aguardente. Por volta de 1797, quando a freguesia

³ Domingos Teixeira Vilella era natural da vila Tamega comarca de Chaves, Braga, em Portugal. Veio para Minas em busca do ouro. Tornou-se capitão em Baependi. Sua mulher Angela Isabel Nogueira do Prado era filha do fundador de Baependi, capitão-mor Tomé Rodrigues Nogueira Ó. Ver Memória Histórica da cidade de Campinas, 1952: 195.

Nossa Senhora da Conceição de Campinas foi elevada a vila de São Carlos, coube, novamente, ao frei Antonio de Pádua seduzir o irmão mais moço a vir para a recém-criada vila, onde seus irmãos prosperavam, já proprietários de escravos e de terras.⁴

Finalmente, Manoel Teixeira Vilella veio com sua pequena família, esposa, D. Maria Joaquina da Rosa,⁵ e o filho, Antonio Manoel Teixeira, nascido em Pitangui em 1795. Talvez o apelo do irmão franciscano para reunir a família, o exemplo dos irmãos que se encontravam bem estabelecidos em Campinas, a mudança de freguesia para vila, um marco importante para a autonomia da comunidade e para a expansão da produção agrícola, além das dificuldades provocadas pela crise da economia aurífera das localidades da comarca do Rio das Mortes tenham incentivado Manoel a migrar para a nova região que prometia prosperidade.

Desde 1791, a produção agrícola e a estrutura da propriedade de Campinas sofriam modificações profundas. Os sítios, onde se localizava a produção de alimentos, feijão, arroz, milho, mandioca, a criação de porcos e a fabricação de aguardente, produtos tipicamente voltados para o mercado interno, subsistência de moradores, tropeiros e viajantes que se destinavam às minas – cediam à pressão dos preços internacionais do açúcar, para se concentrarem na produção açucareira para a exportação. Para Eisenberg: “A revolução social em Saint Dominique, que se iniciou em 1791, trouxe uma transformação drástica à Campinas”⁶ (EISENBERG, 1989:346). O número de engenhos na região aumentava ano a ano e o poder político dos “engenheiros”, ainda que proprietários de pequenos engenhos, quando comparados com os do nordeste açucareiro de 100 escravos a mais, consolidava-se cada vez mais, a ponto de reivindicarem a elevação da freguesia à vila em 1797. O número de engenhos aumentou, segundo Eisenberg, de zero, em 1770, para 95, em 1829, enquanto a população escrava passou de 100 para 4.890 indivíduos, ultrapassando a população livre (EISENBERG, 1989: 344).

A adaptação de Manoel às atividades econômicas foi exitosa. Embora não tenha recebido sesmarias, como seus irmãos Joaquim José, Felipe Néri e Joana Antonia, tornou-se proprietário de terras, por meio da compra de partes de sesmarias de antigos sesmeiros. Necessariamente trouxera capitais das Minas Gerais para poder, em seguida a sua chegada à Campinas, comprar terras e escravos. Participou ativamente da vida política e administrativa da vila, tendo sido juiz ordinário, juiz de órfãos e vereador. Ao falecer em 1820, Manoel deixou uma fortuna em terras e engenhos, distribuídos em cinco e/ou seis propriedades agrícolas. Dispunha de casa de morada na vila, tendo, até mesmo, “cadeirinha com seu retoque dourado para os passeios da senhora” (PUPO, 1969: 239). Suas propriedades localizavam-se entre os rios Jaguari e Atibaia, onde se situavam os engenhos: Santo Antonio da Cachoeira, com “um quarto de légua”, em quadra; a fazenda Salto Grande com “um quarto de légua para cima e para baixo do dito

⁴ De acordo com a lista de João Batista de Campos Aguirra, completada por Omar Simões Magro, das 43 sesmarias doadas em Campinas entre 7 de agosto de 1728 a 6 de agosto de 1822, primeira e última concedidas pela coroa portuguesa, Joaquim José Teixeira Nogueira recebeu 2 sozinhos, e mais 3 com um grupo de pessoas, inclusive com sua irmã, Joana Antonia, entre os anos de 1796 e 1804. Já Felipe Néri Teixeira recebeu uma sesmaria em 1799 com outros. *Memória Histórica*, 1952: 44-46

⁵ Maria Joaquina da Rosa era natural de Sauí, Arraial de Vila Rica, filha de José da Silva Ferreira e Maria das Dores (BRITO, 1956:178).

⁶ A colônia francesa era responsável por 1/3 da produção de açúcar das Índias Ocidentais e mais do que o triplo da produção brasileira. Quando a produção de São Domingos quebrou, os preços duplicaram-se nos fins da década de 1790. No Brasil, houve uma queda de preços entre 1805-1810, devido às dificuldades de o açúcar brasileiro chegar à Europa por causa das guerras napoleônicas. Mesmo assim, não há interrupção no movimento de formação da economia açucareira paulista, compensado com a vinda da família real em 1808 e com a consequente ampliação da demanda (EISENBERG, 1989: 347).

salto até a barra do rio Atibaia com Jaguari” (PUPO, 1969:239). Constavam a fazenda Invernada, com meia légua de testada e $\frac{3}{4}$ de fundo; terras à beira do Atibaia, com um quarto de légua de testada por $\frac{3}{4}$ de fundo, a fazenda Morro Alto, com terras roxas, com um quarto de testadas por três quartos de fundo; mais a fazenda Boa Vista e seus pertences, casas, escravatura, gado, animais montagens completas de oficinas, aparelhamento dos engenhos e armas, etc. (PUPO, 1969:239). No inventário de sua mulher, Maria Joaquina, constava a propriedade denominada “Saltinho”, comprada da sesmaria de Domingos da Costa Machado, “com plantações de limoeiros, bananeiras, milharal, cana, pinhos, etc.” (BRITO, 1956:177).

As propriedades eram administradas por Manoel e por seu filho mais velho Antonio Manoel Teixeira, que, na época, tinha 25 anos. De acordo com o testamento, Manoel afirmava que não deixava dívidas, apenas devia 15\$000 (quinze mil réis) para um vendedor de uma besta da localidade de Parnaíba, mas que logo quitaria, assim que o indivíduo aparecesse na vila.

3. Antonio Manoel Teixeira e a *plantation* açucareira: terras, engenhos, capital-dinheiro – o inventário, 1850

O relato da vinda da família Teixeira Vilella de Baependi para Campinas e a evidência da acumulação de riquezas, nos fins do século XVIII, sob a forma de terras, fábricas de açúcar e escravos, levam-me ao testamento e ao inventário de Antonio Manoel, para mostrar a consolidação da *plantation* açucareira.

Quase dez anos após o falecimento de seus pais, Antonio fez seu testamento e nele declarava, como foi dito anteriormente, que tinha uma escravaria de 230 indivíduos. Isso evidencia que Antonio Manoel, nesses anos, consolidou uma riqueza baseada na *plantation* açucareira, pois certamente seus engenhos não tinham mais a quantidade de escravos já lá encontrada e nas engenhocas do início do século XIX, cujo número médio de cativos era de 22 por engenho (EISENBERG, 1989:344-372).

Antes de destrinchar o inventário e analisar a natureza dos bens deixados para seu herdeiro e para os credores, vou-me ater um pouco às atividades de Antonio Manoel. Pupo (1969) reforça o papel de líder que Antonio Manoel Teixeira exerceu na revolução liberal de 1842,⁷ cujo evento mais marcante foi o combate em Campinas – que assumiu o nome do sítio onde ocorrera – Venda Grande – tornado o símbolo de toda a revolta liberal. O embate foi entre as forças leais ao governo imperial e os revoltosos contrários ao governo conservador, que anulava as eleições para impedir a subida dos liberais. Em São Paulo, o líder liberal era Rafael Tobias de Aguiar, que propôs a derrubada do presidente da Província, Barão de Monte Alegre, um conservador. A desproporção das forças, do número de homens e armas, entre os revoltosos e as tropas imperiais, foi descrita por Antonio Manoel em seu relatório, logo após a derrota da Venda Grande.⁸ Derrotados, os revoltosos de Campinas fugiram e se refugiaram: o saldo foi 17 mortes e 15 prisões, mas também um imenso orgulho nos participantes do combate da Venda Grande. Antonio Manoel foi preso e expatriado. Em 1843, com a subida dos liberais ao

⁷ As revoltas ocorrem em São Paulo e em Minas Gerais. Para Minas, veja o trabalho de ANDRADE, 2008. Gabriel Francisco Junqueira, futuro barão de Alfenas, liderou a revolta liberal de 1842, dando nome a uma coluna que reunia pessoas de Baependi. Gabriel foi o líder político da comarca de Rio das Mortes. (ANDRADE, 2008:211-233- 307). Em São Paulo, os revoltosos objetivavam assumir a presidência da província sob a liderança de Rafael Tobias de Aguiar.

⁸ O relato foi, em 1882, publicado por Amador Bueno Machado Florence, filho do seu “amigo íntimo e compadre”, Hercule Florence (PUPO, 1969:129-130).

poder, os revoltosos foram anistiados, permitindo-se que retornassem às suas casas, aos seus sítios e aos seus engenhos.

Outra atuação destacada de Antonio Manoel foi a construção do aterro de Cubatão. Para o açúcar chegar a Santos, era necessário fazer a travessia do Rio Cubatão. Não raro, o açúcar, com a umidade do rio, chegava arruinado ao destino. Além dessa travessia, havia os mangues que isolavam o porto. Produtores, comerciantes de açúcar e tropeiros queixavam-se das perdas, devido às péssimas condições de navegação, das embarcações sem coberturas de proteção e do mangue. Por iniciativa de Antonio Manoel, foi feito então o aterro do mangue, que melhorou as condições de embarque no porto de exportação (PUPO, 1969:240). Em 1846, Antonio Manoel foi agraciado pelo Governo Imperial com o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa. Pela primeira vez o Império homenageava com uma comenda um cidadão de Campinas, segundo Pupo. Entre 1846 a 1849, foi deputado provincial, já, agora, como Comendador Antonio Manoel Teixeira.

Em 13 de julho de 1850, o comendador faleceu. Na época, tinha 55 anos e residia em sua fazenda Engenho da Cachoeira com seu filho Francisco, que ainda não havia completado 21 anos. O legado deixado, apesar do volume das dívidas, evidenciava que ele se tornara um dos proprietários de engenho mais ricos de Campinas.

Na tabela 1 (Anexo), pode-se ter uma ideia da riqueza acumulada ao longo dos 30 anos, desde a morte dos pais.

Ao falecer, o total do monte-mor ou da riqueza acumulada por Antonio Manoel era de 382:732\$608 (trezentos e oitenta e dois contos setecentos e trinta e dois mil réis).

A principal riqueza inventariada era o ativo humano – os escravos – no valor de 184:220\$000 (cento e oitenta quatro contos duzentos e vinte mil réis), com uma participação de 48% no total da riqueza. A segunda maior riqueza inventariada era o ativo físico, composto por terras, plantações e demais benfeitorias existentes nas seis propriedades arroladas com valores bastante distintos. Percebe-se que os engenhos estavam localizados em três propriedades, que dispunham de construções como casas de moradas, senzalas, casa de máquinas, etc., além de áreas de cultivo de cana e de alimentos, sendo a principal propriedade o Engenho da Cachoeira, que correspondia a 58% do total do valor de todas as propriedades. As de menor valor, como o Sítio da Lagoa, o Sítio Jaguari, em sociedade com José Camargo e Oliveira, e o Sítio Califórnia eram dedicados ao cultivo de alimentos para o consumo da escravaria e da família do proprietário e dos agregados. Os imóveis rurais, onde a atividade produtiva se realizava por excelência, tinham uma participação no monte-mor de 39%, totalizando o valor de 150:310\$000 (cento e cinquenta contos trezentos e dez mil réis). Esses dois itens – escravos e imóveis rurais compõem quase a totalidade da riqueza acumulada, 87%.

Alguns ativos ou elementos do patrimônio chamam a atenção, seguindo a ordem dos seus valores: chácara de São Paulo; ações da empresa de navegação Santista; objetos de ouro e prata e peças de mobiliário; bestas e carros, gado e ativos monetários.

A chácara de São Paulo localizava-se no subúrbio da cidade denominado Nossa Senhora da Luz, no caminho em direção a Campinas. A propriedade foi adquirida por Antonio Manoel Teixeira do Barão de Antonina, João da Silva Machado (1782-1875), provavelmente depois de 1842. Na carta geográfica da capital de São Paulo de 1842,⁹ cuja elaboração foi solicitada pelo Barão de Caxias ao fortificador da capital, José Jacques da Costa Ourique, e executada pelo “Engenheiro da Columna”, a chácara ainda constava como de propriedade de Silva Machado. A referida chácara era próxima do

⁹ O Barão de Caxias veio para São Paulo para defender o governo imperial durante a Revolução Liberal de 1842. A carta da capital talvez tivesse sido encomendada por razões militares, como um instrumento para organizar a defesa da cidade.

Jardim Botânico e da chácara do Brigadeiro Gavião (Bernardo José Pinto Gavião Peixoto).

Nos terrenos da chácara, havia uma casa de sobrado de moradia e plantações, possivelmente de alimentos, tudo avaliado no inventário por 7.000\$000 (sete contos de réis) em 1851. Provavelmente, a chácara tinha a função, também, de servir de pouso para as tropas de muares que traziam açúcar dos engenhos de Antonio Manuel para Santos.¹⁰ A propriedade foi dada em pagamento da vintena do inventariante e testamenteiro, capitão Jaime da Silva Telles. Além da chácara, o capitão recebeu 8 escravos no valor de 3.700\$000 (três mil e setecentos mil réis), duas bestas com cangalha, vindas uma do Engenho do Saltinho e outra do Engenho da Cachoeira, além de parte do mobiliário. Assim, o pagamento da vintena foi integralizado com mobílias do sobrado: 24 cadeiras de palhinha (72\$000); 2 consoles de mármore (48\$000); um espelho de cristal (20\$000); 3 mesas de abrir envernizadas (18\$000) e mais copos, cálices de cristal para vinho, água e champanhe, etc. Pela descrição do mobiliário e dos objetos utilizados à mesa, percebe-se que Antonio Manoel desfrutava de uma intensa vida social na cidade de São Paulo, marcada por reuniões, saraus e jantares, com amigos políticos e visitantes. Além da função econômica, a chácara cumpria o papel de distinção social e de *status*, decorrentes das atribuições de deputado provincial e de senhor de engenho.

As apólices de ações da empresa de navegação Santista eram o único ativo financeiro presente no inventário. Evidenciavam a importância para produção açucareira de Antonio Manoel, o que o levou a investir no transporte para a travessia do rio Cubatão para chegar ao porto de Santos. As bestas e os carros arrolados no inventário complementavam o serviço de transporte do açúcar. A presença de valores tão expressivos nesses itens mostra que Antonio Manoel era proprietário de tropas, o que, igualmente, demonstra a importância do volume produzido pelos seus engenhos. O gado e os carros de bois também eram empregados no transporte interno, no carregamento da cana da lavoura para os engenhos.

Chamam atenção os objetos de ouro e prata e as peças do mobiliário usadas nas casas do comendador, em especial em São Paulo e no Engenho da Cachoeira. Entre os itens arrolados do mobiliário, consta um instrumento musical, um piano, o mais caro dos itens 400\$000 (quatrocentos mil réis) no Engenho da Cachoeira, um relógio de parede com caixa, guarda-roupa e oratório, cama francesa com cortinas, todos com valor acima de 100\$00 (cem mil réis). Um anel solitário no valor de 500\$000 (quinhentos mil réis) – não há maiores detalhes sobre a joia, mas era o item mais valorizado depois do piano. Seguem objetos de prata: salva grande, escrivaninha, castiçais, etc.

Há escassez de ativos monetários, o que não é de se estranhar, pois não se guardava dinheiro, quer metálico, quer em papel. O próprio Antonio Manoel em seu testamento afirmava que: “Declaro que não possuo dinheiro algum em moeda todas as disposições se farão dos rendimentos das fabricas” (Testamento, 1833, anexo ao Processo do inventário: 5).

Há uma enorme surpresa quanto às dívidas passivas, aquelas nas quais Antonio Manoel é o devedor, ou seja, toma emprestado capital a juros. As dívidas passivas chegam ao valor de 162:979\$389 (cento e sessenta e dois contos novecentos e setenta e nove mil e trezentos e oitenta e nove réis) e representam 43% do total da riqueza

¹⁰Alice Canabrava, em seu estudo sobre as chácaras paulistanas, menciona que em quase todos os anúncios de chácaras na capital havia referência ao aluguel do capinzal ou do pasto e a existência de rancho para os tropeiros, o que sugere que naquelas bem situadas em relação às estradas abrigavam-se tropas de transporte vindas de Santos ou do interior (CANABRAVA, 2005:238).

acumulada. Em outras palavras, 43% do patrimônio acumulado por Antonio, ao longo dos últimos 30 anos, estavam comprometidos com o pagamento aos credores. A pressuposição é que Antonio tomava capital de empréstimo para financiar sua atividade produtiva principal – os engenhos. O financiamento parece ser necessário para cobrir os custos de transporte, tropas, muares, equipamentos dos engenhos, etc. e escravos, compra de novos e manutenção (alimentação e vestuários).¹¹

Quem são os credores? Quem financia a atividade açucareira? Entre os credores, os principais eram: Comendador José Manoel da Silva emprestou 68:348\$664 (sessenta e oito contos trezentos quarenta e oito mil seiscentos e sessenta e quatro réis); Barão de Iguape emprestou a juros de 10% a importância de 30:814\$631 (trinta mil contos oitocentos e quatorze mil seiscentos e trinta e um réis) e, por fim, o tenente coronel Francisco Ignacio de Souza Queiroz credor da importância de 23:888\$080 (vinte e três contos oitocentos e oitenta e oito mil oitenta réis). Esses três credores totalizavam 123:051\$375 (cento e vinte três contos cinquenta e um mil e trezentos e setenta e cinco réis), o que representava mais 75% do total da dívida. Os dois primeiros eram grandes comerciantes de açúcar (PETRONE, 1976); quanto ao terceiro, era filho de Francisco Antonio de Souza, um sócio “por escritura” em engenhos do pai de Antonio Manoel (PUPO, 1983:148). Os credores eram capitalistas privados que emprestavam dinheiro a juros. Uma observação sobre o sistema bancário e financeiro da primeira metade do século XIX mostra que instituições monetárias e financeiras – bancos – em São Paulo eram quase inexistentes; quase, porque havia uma única instituição, a Caixa Filial do Banco do Brasil dirigida pelo Barão de Iguape (SAES, 1986:72-3). O credor da dívida arrolada no inventário era o Barão de Iguape, e não a instituição financeira.

Quanto às dívidas ativas, aquelas de que Antonio Manoel era o credor, representam 4%, o que evidencia que ele exercia em doses pequenas a função de capitalista. Sua atividade caracterizou-se mais por ser tomador de empréstimo do que prestador.

4. Antonio Manoel Teixeira e a *plantation* açucareira: escravaria no Engenho da Cachoeira. O inventário, 1850

Para tratar do principal ativo do patrimônio de Antonio Manoel – os escravos – começo um novo tópico para analisar com maior detalhe a composição da escravaria; afinal, ela representava 48% da riqueza acumulada. Neste tópico, interessa observar alguns elementos da composição da escravaria nas propriedades e dos respectivos preços e preços médios; e, em detalhe, no Engenho da Cachoeira: a composição demográfica, homens, mulheres, menores, idades, casados e solteiros, a formação de famílias (casal mais prole), preços e ocupação.

Esses itens orientaram a exposição, que será um pouco árida. Com base no assentamento dos escravos no inventário, construí uma série de tabelas. Neste trabalho, vou ater-me aos dados mais detalhados para o Engenho da Cachoeira, principal propriedade do comendador.

¹¹ Com respeito às roupas dos escravos, é interessante observar no inventário o arrolamento de tecidos os mais variados: 323 côvados de chita ordinária, 90 côvados de riscado, 16 varas de riscado americano, 18 varas de algodão, 43 varas de morim, 25 varas de brim de linho, 7 côvados de riscado de lã e baeta. O valor total destes tecidos era de 133\$500 (cento e trinta e três mil e quinhentos réis). Côvado era medida de comprimento equivalente a 66 cm (HOUAISS, 2001:858); Vara medida de comprimento do antigo sistema métrico equivale a 1 metro e 10 centímetros (HOUAISS, 2001:2829).

Algumas observações precisam ser feitas. Em seguida ao processo de abertura do inventário, mais precisamente no dia em 6 de agosto de 1850, o juiz de órfãos, o escrivão e os louvados, avaliadores do acervo, Theodoro Leite Penteado e José de Barros Leite se reuniram no Engenho da Cachoeira para proceder ao arrolamento dos bens e à avaliação, para então chegar ao orçamento, aos autos da partilha e à definição do pagamento das dívidas. O arrolamento dos escravos pareceu ser o mais difícil: dado o número elevado, as incertezas quanto à idade e os nomes. Quanto aos nomes, ocorre repetição: Antonio, Francisco, José, João, muitas vezes sem outro elemento identificador. Nesses casos, procurei comparar idade, origem, valor e local de trabalho, para poder identificar o escravo. Mesmo com todo rigor e cuidado, as falhas são inevitáveis, seja no próprio inventário, seja na leitura do manuscrito, com confusões de letras e números.

4.1 Síntese da composição da escravaria nas propriedades

A tabela 2 traz os totais dos plantéis de escravos por propriedade, masculinos e femininos, o respectivo valor e o preço médio. Em suas propriedades, Antonio Manoel tinha 253 escravos homens e 132 mulheres, um total de 385 cativos com uma razão de masculinidade de quase dois escravos- homens por escrava-mulher.

TABELA 2 - SÍNTESE DO ASSENTAMENTO DA ESCRAVARIA DO COMENDADOR ANTONIO MANOEL TEIXEIRA, POR OCASIÃO DE SEU INVENTÁRIO *POST-MORTEM*, POR PROPRIEDADES, SEXO, VALOR E PREÇO MÉDIO, 1850-51

Propriedade	Plantel		Valor		Preço Médio	
	Escravos	Escravas	Escravos	Escravas	Escravos	Escravas
EC	120	103	49.410,000	36.010,000	411,750	349,611
MA	57	19	25.118,000	7.450,000	440,666	392,105
ES	56	0	20.820,000	-	371,785	-
SP	20	10	8.830,000	3.580,000	441,500	358,000
Total	253	132	104.178,000	47.040,000	411,770	356,363

Fonte: Inventário de Antonio Manuel Teixeira. TJC 1º. Of, Cx 162, Proc.. 2899. EC = Engenho da Cachoeira;MA= Engenho do Morro Alto;ES= Engenho do Saltinho; SP = Chácara de São Paulo

Já a tabela 3 traz algumas relações que se podem estabelecer com base nas informações contidas na tabela 2. Evidencia-se que o Engenho da Cachoeira (EC), onde morava o proprietário com seu filho¹², era a mais importante propriedade em termos de valor e da escravaria. Nele havia um plantel mais equilibrado entre escravos homens e mulheres. A presença de mulheres era significativa, mas não atingia uma relação paritária (46%), o que, em parte, se refletia no preço médio, que é inferior ao das escravas de outras propriedades.

As informações sobre o Engenho do Morro Alto (MA) mostram sua característica principal – unidade de trabalho por excelência e não de morada do proprietário. O plantel é formado por escravos e escravas, os mais valorizados: o preço médio da escravaria é o maior do que o de outras propriedades, 428\$526 (quatrocentos e vinte e oito mil e quinhentos e vinte e seis réis), sendo que o preço médio do escravo só é levemente inferior ao dos da chácara de São Paulo, enquanto o das escravas é maior do que o de outras propriedades; a razão de preço médio entre homens e mulheres é a

¹² Não se pode esquecer que Antonio Manoel era solteiro, portanto não havia a presença da esposa como organizadora da vida doméstica na propriedade.

menor, de onde se conclui que as escravas eram mais valorizadas do que em outra propriedade; a presença de escravos homens no plantel é mais significativa, correspondendo a 3 para 1 escrava. Esses elementos caracterizam o Engenho do Morro Alto como possivelmente a propriedade de maior produtividade por escravo.¹³

O Engenho do Saltinho (ES) parece ser uma propriedade secundária em termos da escravaria: seu plantel é formado exclusivamente por escravos homens e o preço médio é inferior ao das demais propriedades, devido à presença de escravos pouco produtivos, com idade superior a 39 anos.

Por fim, a chácara de São Paulo (SP) em relação às demais propriedades apresenta uma razão de masculinidade elevada, embora inferior a do Morro Alto; e, como mencionado antes, os escravos homens são mais valorizados do que os das propriedades do interior, talvez porque sejam mais especializados e qualificados para a realização do transporte do açúcar para Santos e para a execução de ofícios ligados à vida urbana, embora não se disponha de informações sobre as atividades e os ofícios dos escravos alocados em São Paulo.¹⁴ Entretanto, o preço médio das escravas da fazenda Morro Alto é mais alto, em média, 13%, em comparação ao das da capital, o que explica que, em média, o preço dos escravos do MA seja mais alto 4% em relação ao da chácara da capital.

As diferenças de preços dos escravos rurais e urbanos parecem muito pequenas para se extraírem resultados conclusivos ou interpretações marcantes. Percebe-se que há mais uma aproximação dos preços do que uma distinção forte entre o mercado de escravos urbanos e rurais.

TABELA 3 - SÍNTESE DO ASSENTAMENTO DA ESCRAVARIA DO COMENDADOR ANTONIO MANOEL TEIXEIRA POR OCASIÃO DE SEU INVENTÁRIO *POST-MORTEM* POR PROPRIEDADES, VALOR TOTAL, PREÇO MÉDIO TOTAL, RAZÃO DE PREÇO MÉDIO E DE MASCULINIDADE - 1850-51

Propriedade	Total de escravos	Valor total	Preço Médio	Razão de Preço Médio masc./fem.	Razão de Masculinidade
EC	223	85.420,000	383,049	117,77	116,5
MA	76	32.568,000	428,526	112,38	300
ES	56	20.820,000	371,785	0	0
SP	30	12.410,000	413,666	123,32	200
Total	385	151.218,000	392,774	115,54	191,66

Fonte: Inventário de Antonio Manuel Teixeira. TJC 1º. Of, Cx n. 162, Proc. n.. 2899. EC = Engenho da Cachoeira; MA= Engenho do Morro Alto;ES= Engenho do Saltinho; SP = Chácara de São Paulo

Uma informação contida no inventário que causa certa estranheza foi a menção à existência de escravos em uma propriedade denominada de Sítio da Lagoa (Inventário, Proc. n. 2899, 1850: 37v.) e nas localidades de Santos e Vila da Parnaíba (Inventário,

¹³ Não disponho ainda dos dados de produção.

¹⁴ Versiani e Vergolino encontraram na comparação entre as séries de preços de escravos para Pernambuco e Salvador uma estreita relação de 1811 a 1865, entretanto os preços em Pernambuco eram em média 25% mais baixos que na capital baiana. Para explicar esse fato, os autores recorrem à qualificação e aos ofícios dos escravos rurais em relação aos urbanos. Os autores consideram que os cativos urbanos de Salvador tinham qualificação superior à dos rurais presentes na amostra pernambucana, o que explicaria o seu maior preço (VERSIANI e VERGOLINO, 2002:8). Parece-nos que a comprovação da assertiva deveria ser feita com a comparação entre os preços dos escravos urbanos de Recife e os de Salvador e entre os preços dos escravos das zonas rurais de ambas as províncias.

Proc. n. 2899,1850: 52-4), em ambos os casos, os escravos não foram objeto de descrição e assentamento no inventário. A informação restringe-se à afirmação de que há 75 escravos em Santos e na Vila de Parnaíba e 9, no Sítio da Lagoa.

Assim, com a inclusão dessa escravaria, na tabela 4, o total de escravos pertencentes ao comendador chega a 469, sendo que não há discriminação de sexo e de preços dos escravos. Com base no cálculo do preço médio estimado, o valor dessa escravaria iguala-se a 33:002\$000 (trinta e três contos e dois mil réis), portanto, se se considerar essa escravaria, o patrimônio do comendador em escravos atinge o valor total de 184:220\$000 (cento e oitenta e quatro contos e duzentos e vinte mil réis), o que corresponde a 48% do total da riqueza bruta e 94% do monte menor ou riqueza líquida.

TABELA 4 - ESCRAVARIA NÃO ASSENTADA NO INVENTÁRIO *POST-MORTEM* DO COMENDADOR ANTONIO MANOEL TEIXEIRA - PROPRIEDADE E LOCALIDADE-1850-51

Localidade	Total de escravos	Valor
Santos e Vila da Parnaíba	75	29.475,000*
Sítio da Lagoa	9	3.527,000*
Total Parcial	84	33.002,000*
Total de escravos assentados no inventário	385	151.218,000
TOTAL GERAL	469	184.220,000

*Valor estimado com base no preço médio calculado: $151.218\$000:385=392\$774=393\$000$

Essas tabelas sintetizam as informações gerais da escravaria. No item seguinte, vou mostrar com maior detalhe a composição da escravaria no Engenho da Cachoeira.

4.2 Engenho da Cachoeira e sua escravaria, 1850

1. Os escravos: perfil demográfico, ofícios e preços

A tabela 5 permite ter-se uma ideia da composição da escravaria que trabalhava na principal propriedade – Engenho Cachoeira. Mostra que os escravos do sexo masculino com a idade considerada a mais produtiva, de 14 a 39, correspondiam a 47,5% do total de escravos do sexo masculino.

Observa-se que as faixas compreendidas entre as mais produtivas (14 a 39) eram as que apresentavam o melhor preço médio por escravo, de 573\$478 (quinhentos e setenta e três mil e quatrocentos e setenta e oito réis) a 553\$333 (quinhentos e cinquenta e três mil e trezentos e trinta e três réis), de acordo com avaliação feita pelos louvados nos autos do inventário em 1850.

A faixa etária de 20-39 é a que concentra o maior número de escravos, 46 em termos absolutos ou 38,33%, seguida pela faixa de 40 a 59 anos, com 22 cativos ou 18,33%. Chama a atenção a desvalorização do preço médio do escravo nessa última faixa, o que denota que, a partir dessa faixa etária para cima, os escravos eram considerados menos produtivos e com menor expectativa de vida útil, logo a redução do seu preço médio reflete sua desvalorização no mercado como um todo. O preço médio representa 58,58% do do escravo situado na faixa etária logo abaixo de 20 a 39 anos, portanto sofre uma perda de mais de 40%.

A terceira maior faixa em número de escravos é de 60 anos a mais. 14 escravos, 12% do total, estão nessa faixa, o que denota uma presença não desprezível de cativos com menor produtividade. O preço médio dos escravos com 60 anos a mais é de

118\$462 (cento e dezoito mil e quatrocentos e sessenta e dois réis), sendo inferior ao das crianças escravas entre 2 a 5 anos, cujo preço, 125\$000 (cento e vinte e cinco mil réis), revela exclusivamente a expectativa de trabalho, a contribuição futura das crianças escravas.

Com respeito à previsão ou à provisão de trabalhadores escravos para o futuro, a reserva de mão de obra interna, considerando as faixas etárias de 13 anos para baixo, representava 20,83% da mão de obra presente no plantel de escravos masculinos do Engenho da Cachoeira. Essa proporção é basicamente a de mão de obra fora do trabalho ou que contribui pouco para o desenvolvimento das atividades agrícolas e manufatureiras, no canavial e no engenho.

Se acrescentarmos a essa proporção os maiores de 60 anos, o total de escravos homens com menor contribuição ou fora das tarefas produtivas atinge 32,50% do plantel.

TABELA 5 – ENGENHO DA CACHOEIRA – ESCRAVOS POR FAIXA DE IDADE, PREÇO MÉDIO E VALOR - CAMPINAS, 1850

Faixa Etária	Escravos	%	Idade média	Preço médio	Valor
60 a mais	14	11,67%	62,9	118,462	1.540,000
40-59	22	18,33%	43,6	335,909	7.390,000
20-39	46	38,33%	28,0	573,478	26.380,000
15-19	8	6,67%	16,5	558,750	4.470,000
14	3	2,50%	14,0	553,333	1.600,000
SD	2	1,67%	SD	450,000**	450,000
10 a 13	11	9,17%	11,9	454,545	5.000,000
6 a 9	9	7,50%	7,2	236,667	2.130,000
2 a 5	2	1,67%	4,5	125,000	250,000
< 2	3	2,50%	10*	66,667	200,000
Total	120	100,00%			49.410,000

Observações: *10 meses. **Apenas para um escravo foi dado o preço, o outro sofre de Mal de Lázaro e consta sem valor. Constam da tabela os que faleceram depois da avaliação, realizada entre 8 e 12 agosto de 1850. A anotação sobre o falecimento segue à margem ou em outra folha do inventário.

Como era de se esperar, a escravaria era adquirida por meio do tráfico internacional, antes da proibição efetiva do comércio de escravos africanos de 1850. Mais da metade dos escravos, 55%, era composta por africanos.

A tabela 6 revela que os escravos pertencentes às faixas etárias mais velhas (40 anos a mais) são todas de africanos, não há um só nascido no Brasil. Já na faixa etária de 20 a 39 anos, apenas 22 % eram nascidos no Brasil, e mais de 60% eram africanos. Dos escravos com idade inferior a 19 anos, mais 60%, eram brasileiros, embora não haja registro (SD = sem dado) para 3 escravos da faixa de 15 a 19 anos e 1 da de 14 anos.

Esses dados podem denotar a preocupação por parte do proprietário no registro das idades em demonstrar rigor no cumprimento da lei que proíbe o tráfico internacional de 1831.¹⁵ Abaixo de 19 anos, não há africanos no plantel do comendador, coincidência ou não é justamente a idade limite para cumprimento da lei de 1831.

¹⁵ Conrad chama a atenção para o falso registro das idades de escravos para evitar os efeitos da lei antitráfico de escravos de 1831. Tal precaução é percebida no recenseamento de 1872 (CONRAD, 1975: 343).

TABELA 6 – ENGENHO DA CACHOEIRA – ESCRAVOS POR FAIXA DE IDADE E NACIONALIDADE – CAMPINAS, 1850

Faixas etárias	Escravos	Idade média	Origem		
			Africanos	Brasileiros	SD
60 a mais	14	62,9	13	0	1
40-59	22	43,6	21	0	1
20-39	46	28,0	31	10	5
15-19	8	16,5	0	5	3
14	3	14,0	0	2	1
SD	2	SD	1	0	1
10-13	11	11,9	0	6	5
6 – 9	9	7,2	0	9	0
2 – 5	2	4,5	0	2	0
< 2	3	10*	0	3	0
Total	120		66	37	17

Observação: Africanos são os registrados no inventário com denominação nação; brasileiros são os registrados como crioulos e mulatos. * 10 meses.

Ao se adotar o critério estabelecido por Versiani e Vergolino (2002 e 2003) para escravos mais produtivos, como sendo aqueles pertencentes à faixa etária de 15 a 40 anos e sem doenças ou deficiências físicas, o plantel apresenta os seguintes dados: 50% dos escravos pertencem à categoria de trabalhadores mais produtivos, ou seja, 60, em termos absolutos. Esse grupo tinha idade média de 28,63 e preço médio de 549\$167 (quinhentos e quarenta e nove mil e cento e sessenta sete réis). Para chegar ao conjunto de escravo-padrão mais produtivo, eliminei os doentes e os com deficiências que lhes comprometiam o desempenho produtivo, tais como: “cego do olho direito”, “doente de reumatismo”, “feridas nas pernas”, “sem uma mão”, “fujão”, “sofrível” e “vício de beber”. Essas anotações constavam à margem das folhas com as descrições de cada um dos escravos. O preço do escravo-padrão em Campinas era maior do que o encontrado por aqueles autores para Pernambuco entre 1850 a 1854, cujo preço médio era de 472\$030 (quatrocentos e setenta e dois mil e trinta réis), 14% inferior ao de Campinas (VERSIANI e VERGOLINO, 2002:14).

Quanto aos ofícios ou às ocupações dos 60 escravos pertencentes ao padrão mais produtivo, para 36 havia, no inventário, o registro de seus ofícios. A tabela 7 abaixo sintetiza as informações:

TABELA 7– ENGENHO DA CACHOEIRA – ESCRAVO-PADRÃO E OFÍCIOS – CAMPINAS, 1850

Ofícios	Escravos	Idade média	Preço médio	Valor
Alambiqueiro	2	40	325,000	650,000
Banqueiro	8	29,5	601,250	4.810,000
Banqueiro e carreiro	1	20	580,000	580,000
Boleiro e adomador	1	23	750,000	750,000
Boleiro e garapeiro	1	25	750,000	750,000
Carpinteiro	1	40	450,000	450,000
Carreiro	7	25	558,571	3.910,000

Carreiro e tropeiro	1	25	600,000	600,000
Cozinheiro da tropa	1	15	550,000	550,000
Lavrador	1	36	600,000	600,000
Mestre da banca	1	40	600,000	600,000
Pedreiro	1	30	600,000	600,000
Posseiro	2	20,5	520,000	1.040,000
Sabe ler, escrever, contar e gramática	1	38	700,000	700,000
Tropeiro	3	30,66	543,333	1.630,000
Tropeiro e banqueiro	4	29	587,500	2.350,000
Sub Total	36			
SD	24			
Total	60			

Os ofícios mais encontrados foram os de banqueiro, carreiro e tropeiro para os escravos mais produtivos, e os de maior preço médio eram boleiro e adomador (condutor de carroça e domador) e boleiro e garapeiro (responsável pela feitura da garapa) e o de um único escravo identificado por saber “ler, escrever, contar e gramática”. O preço médio dos escravos mais produtivos com ofícios discriminados era de 571\$389 (quinhentos e setenta e um mil e trezentos e oitenta e nove réis), excedendo em 22\$222 (vinte e dois mil e duzentos e vinte e dois réis), ou 4%, o do grupo de cativos mais produtivos, mas sem discriminação de ofício.

Esse resultado era esperado, pois os escravos com ofício valiam mais do que aqueles que compõem a massa de trabalhadores dedicados à lavoura. Nas atividades do fabrico do açúcar e de transporte da cana, da lenha e do açúcar, encontravam-se os ofícios mais valorizados.

Para o século XVIII na empresa açucareira nordestina, Antonil comentava que no fabrico de açúcar era necessário ter muito cuidado na escolha dos trabalhadores:

Se em alguma cousa mais quer em outra há de mostrar o senhor de engenho a sua capacidade e prudência, esta sem dúvida e a boa eleição das pessoas e oficiais que há de admitir ao seu serviço para o bom governo do engenho. (...) imprudente quem escolher pessoas ou de ruim vida, ou ineptas para o que hão de fazer (CANABRAVA, 1966: 147-8; ANDREONI. [1711]).

A quem faz o açúcar, com razão se dá o nome de mestre, porque o seu obrar pede inteligência, atenção e experiência, e esta, não basta que seja qualquer, mas é necessária a experiência local, a saber, do lugar e qualidade da cana, aonde se planta e se mói (CANABRAVA, 1966: 154; ANDREONI [1711]).

No inventário do comendador Antonio Manuel Teixeira, o registro de ofícios para os escravos do Engenho da Cachoeira foi feito somente para 47, com idade de 12 a 70 anos, o que correspondia a um total 102 cativos, ou seja, menos da metade, 46% tinham discriminado seu ofício. Entretanto é na faixa dos escravos mais produtivos e sem doenças ou deficiências físicas que os registros aparecem mais, 36 em termos absolutos ou 76,59 % dos ofícios discriminados encontram-se entre os cativos mais produtivos. Apenas 11 escravos fora do padrão mais produtivo constam como portadores de ofício, como mostra a tabela 8. A menor idade com identificação de ofício é de 12 anos, dois meninos carreteiros. Em seguida vinha um menino de 13 anos que era aprendiz de carpinteiro. Dois cativos com 30 anos e ofícios foram retirados dos escravos mais produtivos, pois apresentavam problemas de saúde: um, estado “sofrível”, e outro,

“vício de beber”, os demais excediam a faixa etária mais produtiva de 15 a 40. Na tabela 8, observa-se que os dois feitores eram os mais velhos, apenas um feitor tinha idade de 45 anos. Talvez a experiência e a confiança do proprietário tenham determinado a escolha.

TABELA 8– ENGENHO DA CACHOEIRA – ESCRAVOS, OFÍCIOS, IDADE MÉDIA E PREÇO MÉDIO – CAMPINAS, 1850

Ofícios	Escravos	Idade média	Preço médio	Observações
Alfaiate	1	60	50,000	sem um pé
Arreador e carpinteiro	1	60	200,000	quebrado dos peitos
Carpinteiro	1	30	650,000	Sofrível
Carpinteiro aprendiz	1	13	550,000	
Carreiro	2	12	500,000	
Cozinheiro	1	30	600,000	com vício de beber
Feitor	2	65	175,000	um com reumatismo
Lavrador e feitor	1	45	580,000	
Mestre carreiro	1	45	80,000	aleijado da mão direita
Total	11			

2. As Escravas: perfil demográfico, preços, solteiras, casadas, prole e família

Na análise das mulheres escravas, interessa observar a composição demográfica das cativas com capacidade de trabalho e idade reprodutiva. Há uma sobreposição das faixas etárias que atendem a esses atributos, assim, consideram-se as escravas mais produtivas as pertencentes à faixa de 14 a 39 anos, como foi feito para a análise dos escravos – homens, e as capazes de reprodução com idade entre 11 e 45 anos.

As escravas com idade mais produtiva correspondem a 47,57% e, em termos absolutos, 49. Coincide com a mesma proporção de escravos do sexo masculino, embora a razão de masculinidade nessa faixa seja de 116,32 (57:49X100), ou seja, para cada 100 cativas há 116 do sexo masculino. Para o total de escravos presentes no Engenho da Cachoeira, a razão de masculinidade é de 116,50 segundo os dados da tabela 10. Ela coincide com a verificada na faixa mais produtiva, denotando uma pequena diferença a favor do escravo do sexo masculino. Era de se esperar que essa diferença fosse mais acentuada, dada a natureza das atividades da lavoura de cana e do engenho mais adequadas ao trabalho de homens. Esse resultado pode refletir o maior interesse pela escrava como reprodutora, dada as dificuldades crescentes impostas pela lei de 1831 para a importação de cativos africanos. Entretanto, após a proibição, continuou-se a importar e muito, apesar de os proprietários e o próprio Antonio Manoel saber muito bem que esse comércio era ilegal.

Assim, como entre os escravos homens, a faixa que concentra o maior número absoluto de escravas é a de 20 a 39 anos, 34, ou seja, 33% do total de cativas, embora um pouco inferior à proporção verificada entre os homens (38%).

Chama a atenção a faixa etária das mulheres de 15 a 19 anos por ser bem mais numerosa do que a dos homens, 13 para as primeiras e 8 para os segundos, de acordo com a tabela 5. Há, nessa faixa, segundo a tabela 9, uma inversão do índice de masculinidade, ou seja, para cada 100 escravas há 62 do sexo masculino. Esse resultado pode refletir várias coisas, mas minha hipótese é de que pode estar associado à venda dos escravos por parte do fazendeiro para saldar dívidas, fazer gastos ou realizar

qualquer natureza de pagamentos, pois o ativo mais líquido disponível ao senhor do engenho era justamente escravos-homens na faixa de 15 a 19 anos, prontos para entrarem em atividade e com perspectiva de vida útil mais longa.

Com respeito à provisão de escravas, a reserva de mão de obra interna para o futuro, as faixas etárias de 13 anos para baixo representam 25,24% da mão de obra presente no plantel de escravas. Essa proporção é maior do que a de homens (21%) e corresponde basicamente à de mão de obra fora do trabalho, ou a que contribui pouco para o desenvolvimento das atividades do Engenho da Cachoeira.

TABELA 9 – ENGENHO DA CACHOEIRA – ESCRAVAS POR FAIXA DE IDADE, PREÇO MÉDIO E VALOR – CAMPINAS, 1850

Faixa etária	Escravas	%	Idade média	Preço médio	Valor
60 a mais	6	5,83%	62,0	121,667	730,000
40-59	19	18,45%	41,5	244,211	4.640,000
20-39	34	33,01%	27,5	463,529	15.760,000
15-19	13	12,62%	17,3	463,846	6.030,000
14	2	1,94%	14,0	450,000	900,000
SD	3	2,91%	SD	410,000	1.230,000
10 a 13	7	6,80%	11,4	362,857	2.540,000
6 a 9	8	7,77%	7,0	297,500	2.380,000
2 a 5	6	5,83%	4,7	218,333	1.310,000
< 2	5	4,85%	1,0*	98,000	490,000
	103	100,00%			36.010,000

Observação: *um ano e quatro meses

TABELA 10 – ENGENHO DA CACHOEIRA – RAZÃO DE MASCULINIDADE – CAMPINAS, 1850

Faixa etária	Escravos A	Escravas B	Razão de Masculinidade
60 a mais	14	6	233,33%
40-59	22	19	115,79%
20-39	46	34	135,29%
15-19	8	13	61,54%
14	3	2	150,00%
SD	2	3	66,67%
10 a 13	11	7	157,14%
6 a 9	9	8	112,50%
2 a 5	2	6	33,33%
< 2	3	5	60,00%
	120	103	116,50%

Na tabela 10, para as faixas etárias inferiores é evidenciada a inversão no índice de masculinidade. De fato, as escravas com idade abaixo de 13 são levemente mais numerosas, apresentam uma razão de masculinidade de 96, uma pequena diferença a seu favor. O índice de masculinidade reduz-se ainda mais nas faixas abaixo de 5 anos, tornando-se mais favorável às mulheres, o que não é de se estranhar, pois as crianças desse sexo sobrevivem mais do que as do sexo masculino.

Em contraste, mas não contrariando o esperado, a faixa com maior índice de masculinidade é a de 60 anos e mais, o que confirma que a aquisição de escravos no mercado internacional foi orientada pela procura de homens e jovens, de acordo com as necessidades de trabalhadores para as tarefas agrícolas, de transporte e fabrico do açúcar.

Tal como feito para os escravos homens, adoto o critério definido por Versiani e Vergolino para o padrão – escravo mais produtivo: idade entre 15 e 40 e sem registro de doenças e de deficiências física. Os resultados mostram que há 56 escravas entre 15 e 40 e sem problemas de saúde. Desse grupo resultou uma idade média de 28,51, quase a mesma dos escravos (28,63). Para um plantel total de 103 escravas, 54% são compostos por escravas mais produtivas, um pouco acima da proporção encontrada para os homens (50%).

Para se atingir o critério do padrão mais produtivo, foram eliminadas da faixa etária de 15 a 40 anos, que totalizava 62 escravas, 6 por portarem problemas de saúde segundo registros feitos à margem das folhas do inventário: “doentia”(2), “muito doente”, “doente das pernas”, “enferma com chagas nos peitos”, “muda e louca, sem preço”. Por ser mais numerosa, essa faixa etária apresentava maior número de doenças e de deficiências. No plantel de maiores de 60 anos, havia uma escrava descrita como “manca” e, outra, “estropiada sem valor”.

Quanto aos ofícios, há o registro de apenas dois para mulheres: uma tecelã e uma costureira, as demais válidas para o trabalho devem estar alocadas na lavoura e nos trabalhos domésticos, mas não foram identificadas.

O preço médio das escravas mais produtivas é de 432\$500 (quatrocentos e trinta e dois mil e quinhentos réis), entretanto o da tecelã, Carlota, com “20 e tantos anos”, era 600\$000 (seiscentos mil réis) e o da costureira, Eufrásia, com 30 anos, 620\$000 (seiscentos e vinte mil réis), superiores em 38,7% e 43,3% o preço médio do plantel mais produtivo, confirmando que o ofício faz a diferença do preço da/o escrava/o.

Quanto aos preços, observa-se, na tabela 11, que a faixa de 14 a 39 anos é a que apresenta maior preço por escrava: máximo de 463\$846 (quatrocentos e sessenta e três mil e oitocentos e quarenta e seis réis) e mínimo de 450\$000 (quatrocentos e cinquenta mil réis), superiores inclusive ao preço médio do plantel considerado padrão mais produtivo (432\$500). Esse resultado pode ser explicado pela presença de escravas com idades de 14 anos e menores de 40 anos, o que eleva o preço e, ao mesmo tempo, mais do que compensa o fato de não terem sido excluídas as escravas doentes e deficientes físicas cujos preços pressionam para baixo.

Um dado curioso da tabela 11 é que o preço médio das escravas excede o dos escravos somente nas faixas etárias acima de 60 anos e nas abaixo de 9, ou seja, as escravas depois dos 60 anos valem mais do que os cativos da mesma idade, o que talvez esteja associado ao fato de as mais velhas serem mais úteis e auxiliarem no cuidado das crianças, nos serviços domésticos, etc. As meninas com menos de 9 anos valem mais que os meninos, talvez o potencial de serem reprodutoras valha mais do que a promessa de trabalho futuro dos meninos.

TABELA 11 – ENGENHO DA CACHOEIRA – RAZÃO DE PREÇOS – CAMPINAS, 1850

Faixa etária	Preço médio escravos	Preço médio escravas	Razão de preços
	A	B	A/B
60 a mais	118,462	121,667	97,37%
40-59	335,909	244,211	137,55%

20-39	573,478	463,529	123,72%
15-19	558,750	463,846	120,46%
14	553,333	450,000	122,96%
SD	450,000	410,000	109,76%
10 a 13	454,545	362,857	125,27%
6 a 9	236,667	297,500	79,55%
2 a 5	125,000	218,333	57,25%
< 2	66,667	98,000	68,03%

Quanto à nacionalidade, a tabela 12 mostra a origem das escravas pertencentes ao comendador Antonio Manuel Teixeira. No plantel de escravas, predominam as nascidas no Brasil, 49, 51 %. Não há escravas africanas com menos de 20 anos. Como já foi comentado na análise dos escravos do sexo masculino, o registro da origem parece ter sido muito bem cuidado de modo a não infringir a primeira lei de proibição do tráfico negreiro internacional, de 7 de novembro de 1831. As africanas concentram-se nas faixas superiores, em especial nas de 20-39 anos, com 50%, e na de 40-59 anos, com 39%. Nas faixas de 19 anos para baixo, as escravas eram nascidas no Brasil, para as que se dispõe da informação. Em comparação com os escravos, os dados mostram uma menor proporção de cativas vindas da África, 42,71%, o que significa que a importação de escravos priorizou homens, 55% eram africanos.

TABELA 12– ENGENHO DA CACHOEIRA – ESCRAVAS POR FAIXA DE IDADE E NACIONALIDADE – CAMPINAS, 1850

Faixa Etária	Origem			Total
	Africana	Brasileira	SD	
Mais de 60	3	3	0	6
40-59	17	2	0	19
20-39	22	10	2	34
15-19	0	9	4	13
14	0	2	0	2
SD	2	0	1	3
13 a 10	0	6	1	7
9 a 6	0	8	0	8
5 a 2	0	6	0	6
< 2	0	5	0	5
Total	44	51	8	103

2.1 Solteiras, Casadas, Prole e Família

No assentamento dos escravos constante do inventário, são descritas as seguintes informações: nome, idade e lugar de nascimento e preço (valor), somente no assentamento das escravas constava uma informação a mais – o estado conjugal. É intrigante que essa informação não seja fornecida no assentamento dos escravos-homens. Pode ser que isso tenha sido feito para facilitar, tornar mais rápido os trabalhos do juiz, dos louvados, do inventariante, do testamenteiro, do curador de órfãos e de todas as pessoas envolvidas na feitura do inventário. O processo consumiu vários dias, pois eram muitos os bens deixados pelo comendador. Além disso, todos os responsáveis

tinham que se deslocar da cidade de Campinas para a fazenda do Engenho da Cachoeira, distante 33 quilômetros (5 léguas), e lá permanecerem até o encerramento. O arrolamento dos escravos de todas as propriedades foi feito entre 7 e 12 de agosto de 1850, segundo as anotações feitas no inventário. Mas a estranheza permanece. Por que não foi feito o registro do estado conjugal junto ao arrolamento dos escravos, que foi o primeiro a ser feito no inventário? Ao que parece, os assentamentos de escravos e escravas foi feito com base em um “livro grande”,¹⁶ que o comendador mantinha para controle da sua escravaria: quantos eram, quem eram, quantos “machos e fêmeas” nasciam, quantos morriam, etc., um controle do estoque e do fluxo determinado pelas aquisições, nascimentos e mortes. Para o assentamento no inventário, provavelmente foi feita a atualização dos dados constantes desse livro e acrescentada a avaliação, a determinação do preço de cada um dos escravos feita pelos louvadores.

Talvez, no “livro grande”, o comendador mantivesse o registro das escravas casadas, solteiras e viúvas, mas não a dos escravos-homens. No registro das escravas, havia também a informações sobre sua prole, o que não aparece no dos homens-escravos. Para os escravos constava, com maior frequência, a informação do ofício e/ou da ocupação; para as escravas, isto era raro. Para alguns escravos e escravas eram descritos o estado de saúde e o comportamento.

O estado conjugal implica necessariamente uma relação entre partes, logo, supõe-se que para cada escrava casada correspondia um escravo casado, formando um casal. Quase todos os escravos identificados como casados com as escravas estavam na mesma propriedade, mas alguns estavam em outra propriedade do comendador, e não no Engenho da Cachoeira, poucos não foram encontrados no processo.

Nas tabelas 13 e 14, encontram-se os dados referentes ao estado conjugal da escravaria do comendador. Entre as escravas do Engenho Cachoeira, não havia viúvas, apenas casadas, solteiras e sem dados.¹⁷ A escrava mais jovem casada tinha 15 anos, Angélica, casada com Felizardo de 30 anos da fazenda Morro Alto; seguida por Romana, de 16 anos, casada com Henriques de 20 anos, também, do Morro Alto. De 17 a mais anos, apenas 10 cativas eram solteiras de um total de 66. Logo 85% das escravas com idade acima de 17 eram casadas.

De acordo com a tabela 13, de um total de 103, 59 eram casadas, ou seja, 57%. Isso implica que para os escravos do sexo masculino, também 59, de um total de 120, eram casados, ou seja, 49%. Se excluirmos as escravas e os escravos com idade inferior a 14 anos, como sendo improvável o estado conjugal casado, as proporções de casados elevam-se. Para as escravas de idade acima de 15 anos, 82% eram casadas; para os escravos da mesma faixa etária, 65,5% eram casados.

A tabela 13 mostra que na faixa etária de 20 a 39 anos, 94% das escravas eram casadas, seguidas da faixa etária de 60 a mais, na qual 83% eram casadas. A tabela 14 confirma que, em relação ao total de escravas casadas, a maior proporção ocorre na faixa etária 20 a 39, com 54%; ao passo que, devido ao reduzido número de escravas na faixa de 60 anos para cima, sua participação no total de escravas casadas se reduz a 8,47%. Os resultados expostos nas tabelas são compatíveis com os esperados.

¹⁶ No testamento do comendador, aberto dia 24 de julho de 1850, dez dias após a sua morte, há uma observação feita por ele próprio de que todos os escravos eram lançados pelos seus nomes no “livro grande”, “todos juntos entrando menores”. Na época da feitura do testamento, eram 230 escravos. O testamento foi assinado pelo comendador no dia 8 de setembro de 1833, ou seja, 17 anos antes do seu falecimento.

¹⁷As escravas sobre as quais não havia informações, em geral eram menores e crianças, logo, foram consideradas solteiras.

TABELA 13 – ENGENHO DA CACHOEIRA – ESCRAVAS POR FAIXA DE IDADE, CASADAS E SOLTEIRAS – CAMPINAS, 1850

Faixas etárias	Casadas		Solteiras		TOTAL
	Escravas	%	Escravas	%	
Mais de 60	5	83,33%	1	16,67%	6
40-59	13	68,42%	6	31,58%	19
20-39	32	94,12%	2	5,88%	34
15-19	8	61,54%	5	38,46%	13
14	0	0,00%	2	100,00%	2
SD	1	33,33%	2	66,67%	3
13 a 10	0	0,00%	7	100,00%	7
9 a 6	0	0,00%	8	100,00%	8
5 a 2	0	0,00%	6	100,00%	6
< 2	0	0,00%	5	100,00%	5
Total	59	57,28%	44	42,72%	103

TABELA 14 – ENGENHO DA CACHOEIRA – ESCRAVAS POR FAIXA DE IDADE, CASADAS E SOLTEIRAS – CAMPINAS, 1850

Faixas etárias	Casadas		Solteiras		TOTAL
	Escravas	%	Escravas	%	
Mais de 60	5	8,47%	1	2,27%	6
40-59	13	22,03%	6	13,64%	19
20-39	32	54,24%	2	4,55%	34
15-19	8	13,56%	5	11,36%	13
14	0	0,00%	2	4,55%	2
SD	1	1,69%	2	4,55%	3
13 a 10	0	0,00%	7	15,91%	7
9 a 6	0	0,00%	8	18,18%	8
5 a 2	0	0,00%	6	13,64%	6
< 2	0	0,00%	5	11,36%	5
Total	59	100,00	44	100,00	103

Do total de 59 casais, 43 pertenciam ao Engenho da Cachoeira, nesse caso os cônjuges trabalhavam e residiam nessa fazenda; mas havia também casais em que a escrava trabalhava e residia no Engenho da Cachoeira, mas seu cônjuge estava registrado em outra propriedade do comendador. Dos 16 casais em que ocorre a separação por estarem registrados em propriedades (fazenda, engenho, chácara, casas da cidade de Campinas) do comendador: em 3, os escravos estavam registrados no Engenho Morro Alto; em 4, no Engenho do Saltinho e, em 3, na Chácara de São Paulo. Em 6 casos, não há informação do local de trabalho e residência, é possível que fossem do próprio Engenho da Cachoeira, ou de casas da cidade, mas não se pode ter certeza.

Os casais do Engenho da Cachoeira constam da tabela 15, que mostra as principais características quanto à idade, ao local de nascimento, ao preço, ao ofício e à prole. A apresentação dos dados prioriza a composição dos casais por local de nascimento, África ou Brasil. Como era de se esperar, há 25 casais, ou seja, 58% em que a mulher e o homem são africanos. Eles têm uma idade média de 33,34 para as mulheres e 40,62 para os homens. Chama a atenção que os escravos têm seus ofícios definidos em quase 60% dos casos, apenas uma única escrava teve o ofício registrado,

tecelã. Quanto à prole, casais de origem africana têm uma média de 0,36 filhos por casal, acima da média de todos os casais presentes no engenho, que é de 0,26 filhos. Oito casais são formados por escravas nascidas no Brasil e escravos vindos da África, de todos os oito, apenas 1 tem só um único filho. À exceção dos casais formados por escravas e escravos nascidos no Brasil, os casais têm idade média superior a 30 anos. Os três casais formados por cativos nascidos no Brasil apresentam menor idade média e maior preço médio, e apenas um casal tem um único filho.

TABELA 15 – ENGENHO DA CACHOEIRA – CASAIS DE ESCRAVOS, IDADE MÉDIA, PREÇO, NACIONALIDADE E PROLE – CAMPINAS, 1850

Casais	Idade Média		Preço Médio		Ofício		Prole	
	Escrava	Escravo	Escrava	Escravo	Escrava	Escravo		
Origens								
Afr.- Afr.	25	33,34	40,62	388,095	448,837		15	9
Afr.-Bras.	2	32,50	45,00	400,000	425,000	1	2	0
Afr.-SD	2	38,00	35,00	265,000	375,000		1	0
Bras.-Afr.	8	32,75	39,00	403,750	390,000		2	1
Bras.- Bras.	3	25,66	22,66	533,333	650,000		3	1
Bras.-SD	1	30,00	38,00	500,000	700,000		1	0
SD-Afr.	1	25,00	50,00	450,000	420,000		0	0
SD-Bras.	1	18,00	25,00	500,000	750,000		1	0
Total	43					1	25	11

Na tabela 16, estão reunidos os dados que formam as famílias de escravos presentes no Engenho da Cachoeira. De um total de 223 escravos (120 escravos e 103 escravas), existiam, no ano de 1850, 16 famílias. Família é entendida como sendo formada pelo casal e sua prole, portanto não se considera família apenas a presença do casal, é preciso ter filhos. Aliás, as informações do inventário sobre a escravaria não permitem conhecer além desse grau de parentesco, não existem informações sobre tias, tios, primos, avôs, avós, etc. E, entre os adultos, não há referências a irmãos e irmãs.

Alguns elementos da tabela 16 merecem ser ressaltados. Salta aos olhos que, de 11 crianças, apenas uma é menino, Antonio, de 1 ano, filho de Maria Cabinda e José Cabo (Cabinda). As crianças têm idades entre 5 e 11 anos, com média de 7 anos, correspondendo a um preço médio igual a 270\$000; já os menores de 2 anos têm idade média de um ano e quatro meses e um preço de 77\$500. As mães têm idade média de 33 anos e um preço médio de 439\$091, ao passo que os pais atingem a idade média de 37 anos e o preço de 474\$545. No Engenho da Cachoeira, 9 casais têm uma prole de 11 crianças, o que significa um pouco a mais de uma criança por casal. Embora a média de idades entre os cônjuges não seja tão desigual, uma diferença de 4 anos, há casos extremos: por exemplo, o de Clara e o de Pedro Velho, ambos africanos, ela com 30 anos e ele com de 70 anos. Apesar de ter um ofício, o de feitor, o reumatismo e a idade refletem-se na determinação do seu preço em 100\$000(cent mil réis), que corresponde a 1/3 do preço atribuído a Clara. Há 6 anos, Clara e Pedro Velho tiveram uma filha, Umbelina, cujo preço é maior do que o do seu pai e atinge quase o valor de sua mãe, 280\$000 (duzentos e oitenta mil réis).

Cabe uma advertência: as informações sobre as idades dos escravos não podem ser tomadas como sendo exatas. Na própria fonte há muitas imprecisões, expressas do seguinte modo: “mais ou menos 20”, “20 ou 30” “20 e tantos”; “entre 30 e 50”. Na análise, esse problema da falta de precisão é contornado com o emprego das faixas etárias, mas, às vezes, ele se manifesta de forma acentuada, por exemplo, no caso de cônjuges. Ocorrem casos, não somente de homens mais velhos do que suas parceiras,

como o exemplo de Clara e Pedro Velho, mas também, de mulheres casadas com homens mais novos. Do total de casais presentes no Engenho da Cachoeira, 42, encontrei 10 casos de mulheres mais velhas do que o cônjuge, com uma diferença, em média, de 10 anos; 10 casos de homens mais velhos do que a parceira, com uma diferença grande, em média, de 26,5 anos e, por fim, 22 casos de casais, cujos homens eram em média de 7 anos mais velhos do que a mulher.

TABELA 16 – ENGENHO DA CACHOEIRA – FAMILIAS ESCRAVAS: PROLE e PAIS - IDADE, PREÇO E OFÍCIOS – CAMPINAS, 1850

PROLE			MÃE			PAI			
Nome	Idade	Preço	Nome	Idade	Preço	Nome	Idade	Preço	Ofício
Felizarda	11	350,000	Barbara	30	400,000	Anastacio	30	600,000	Banq
Silvania	5	220,000	Barbara	30	400,000	Anastacio	30	600,000	Banq.
Leopoldina	5	280,000	Joana Duarte	40	400,000	Braz	20	580,000	Banq./Carr
Thomasia	1a6m	100,000	Joana Duarte	40	400,000	Braz	20	580,000	Banq./Carr.
Brígida	10 m	60,000	Joaquina Rebôla	40	380,000	Joaquim Botão	30	600,000	Pedr.
Felicidade	1a3m	100,000	Josephina	30	500,000	Luiz Benguela	45	580,000	Lavr./Feitor
Libania	10	350,000	Josepha	35	600,000	Manoel Joaquim	60	280,000	SD
Umbelina	6	280,000	Clara	30	300,000	Pedro Velho	70	100,000	Feitor
Antonio	1	60,000	Maria Cabinda	30	500,000	José Cabo	60	100,000	SD
Miguelina	7	350,000	Delfina	30	450,000	Jacinto creoulo	20	600,000	Trop./Banq.
Joaquina	7m	50,000	Jezuína	26	500,000	Joaquinzinho	26	600,000	Trop./Banq.

Observações: Abreviaturas: nos ofícios: Banq.=banqueiro; carr.=carreiro; pedr.=pedreiro; lavr.=lavrador; trop.=tropeiro; nas idades: a = anos e m =meses.

Por fim, a tabela 17 mostra a existência das famílias separadas, cujas mães trabalham e residem no Engenho da Cachoeira, mas o pai está em outra propriedade do próprio comendador. Em duas famílias, o pai trabalha no Engenho do Saltinho (ES), noutra família, o pai trabalha na chácara de São Paulo (SP). Para um único escravo, Antonio Gonçalves, não há informação sobre idade, preço e o local onde se encontra.

TABELA 17 – ENGENHO DA CACHOEIRA – FAMÍLIAS ESCRAVAS SEPARADAS, 1850

PROLE			MÃE			PAI			
Nome	Idade	Preço	Nome	Idade	Preço	Nome	Idade	Preço	Local
Firmino	10m	60,000	Escolástica	23	600,000	Antonio Gonçalves	SD	SD	SD
Eduarda	1a 6m	180,000	Francisca	26	250,000	Roberto	20	550,000	ES
Teolinda	7	320,000	Francisca	26	250,000	Roberto	20	550,000	ES
Benedicto	10m	80,000	Úrsula	18	550,000	Nicolau	SD	450,000	SP
José	SD	50,000	Luzia	40	400,000	Alexandre	SD	400,000	ES

Observações: Abreviaturas: m= meses; local: SD= sem dado; ES = Engenho do Saltinho; SP =Chácara localizada na cidade de São Paulo.

Finalmente, não se pode encerrar esta parte sem mencionar os casais sem prole, mas também separados, porque a mulher trabalhava no Engenho da Cachoeira e o cônjuge estava em outra propriedade. Na tabela 18, estão expostas as características desses casais. Ao todo são 12, sendo que em 3, o cônjuge masculino está no Engenho

Morro Alto, em 2, no Engenho do Saltinho, em 2, na chácara em São Paulo. Não há a informação de local para os 5 cônjuges restantes. As mulheres têm idade média de 27 anos e preço médio de 417\$000 (quatrocentos e dezessete mil réis); ao passo, que os homens têm idade média de 40 e preço 355,000 (trezentos e cinquenta e cinco mil réis). Como se observa, o preço dos homens é mais baixo do que o das escravas, em função da idade mais elevada. O ofício foi descrito apenas para Felizardo, carpinteiro, e para Henriques, telheiro e banqueiro, justamente os que têm maior preço e menor idade, como era esperado.

TABELA 18 – ENGENHO DA CACHOEIRA – CASAIS SEPARADOS POR PROPRIEDADES, 1850

Nome casais		Idade		Origem		Valor		Local
		M	H	M	H	M	H	H*
Angelica	Felizardo	15	30	Bras.	Bras.	500,000	600,000	MA
Romana	Henriques	16	20	Bras.	SD	450,000	600,000	MA
Genoveva	José Cabinda	18	50	SD	Afr.	400,000	180,000	MA
Maria	Vicente Maria	20	50	Bras.	Afr.	450,000	150,000	ES
Ines nova	Francisco Congo	SD	50	SD	SD	400,000	300,000	ES
Engracia	Paulo Venancio	30	SD	Afr.	SD	300,000	SD	SP
Constança	Ventura	25	SD	SD	SD	400,000	300,000	SP
Lucinda	Thomé	30	SD	Afr.	SD	400,000	SD	SD
Eva	José André	25	SD	Afr.	SD	580,000	SD	SD
Florencia	Floriano	27	SD	Bras.	SD	600,000	SD	SD
Maddalena	Lucio	60	SD	Bras.	SD	450,000	SD	SD
Maria Jacinta	Marcelino	60	SD	Afr.	SD	80,000	SD	SD

* O local é somente para os homens. As mulheres são todas do Engenho da Cachoeira.

Considerações finais

O trabalho procurou mostrar a importância de famílias vindas de Minas Gerais, em especial da comarca do Rio das Mortes, para a formação da economia agrícola de Campinas. Primeiramente, a produção dispersa em pequenas propriedades, sítios como eram denominados, volta-se para o mercado interno, alimentos e a criação de animais. A cana-de-açúcar estava presente, mas em pequena proporção, servindo para o consumo doméstico, para a produção de aguardente e alimentação dos animais. A transição da economia agrícola de mercado interno para uma economia açucareira para o mercado externo ocorre na década de 1790, motivada pela elevação dos preços internacionais do açúcar e pela presença proprietários de grandes extensões de terras sem cultivo, os sesmeiros, que ou incorporaram terras à produção do novo produto ou venderam parcelas de terras a indivíduos interessados no cultivo da cana e na produção do açúcar. De início, eram pequenos engenhos, mas, em poucos anos, já na década de 1820, montou-se a *plantation* ou a grande empresa açucareira. O estudo da família Teixeira Vilella mais especificamente, de um dos seus membros, Antonio Manoel Teixeira, mineiro de Pitangui, serviu para analisar a formação e a consolidação da *plantation*, e mostrar a composição da riqueza do senhor de engenho na segunda metade do século XIX. A escravaria constitui o maior valor da riqueza, superando o valor do engenho, das

plantações e das terras, e é sobre ela que a análise final se volta para mostrar sua composição, num momento, em que o tráfico internacional estava proibido, embora a burla fosse constante.

FONTE

Testamento e Inventário de Antonio Manoel Teixeira. CMU, TJC, TJC 1º. Of, Cx 162, Proc. n. 2899. 13 fev. 1852 (CMU - Arquivos Históricos)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Marcos Ferreira. *Elites Regionais e a formação do Estado Imperial brasileiro. – Minas Gerais- Campanha da Princesa (1799-1850)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

BRITO, Jolumá. *Historia da cidade de Campinas* vol. 1, Campinas, 1956.

CANABRAVA, Alice P. As chácaras paulistas. In: *História econômica: estudos e pesquisas*. São Paulo: Hucitec; Ed.UNESP; ABPHE, 2005, p. 233-245.

CANABRAVA, Alice P. *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e Minas de João Antonio Andreoti* (André João Antonil). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravatura no Brasil: 1850-1888*. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília, INL, 1975.

EISENBERG, Peter L. *Homens esquecidos*. Escravos e Trabalhadores livres no Brasil nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Unicamp, 1989, p. 323-367.

HERCULE FLORENCE E O BRASIL. O percurso de um artista inventor. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009.

MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 1952.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. *O Barão de Iguape*. Um empresário da época da Independência. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL. 1976.

PUPPO, Celso Maria de Mello. *Campinas, seu berço e juventude*. Campinas, Academia Campinense de Letras, n. 20, 1969.

PUPPO, Celso Maria Mello. *Campinas, Município no Império*. Fundação e Constituição; Usos familiares. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1983.

SAES, F. A. M. *Crédito e bancos no desenvolvimento da economia paulista*. São Paulo: IPE/USP, 1986.

VERSIANI, Flávio Rabelo e VERGOLINO, José Raimundo Oliveira. Posse de escravos e estrutura da riqueza no agreste e serão de Pernambuco. 1777-1887. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 33, n.2, p. 353-393 abril-junho, 2003.

VERSIANI, Flávio Rabelo e VERGOLINO, José Raimundo Oliveira. Preços de Escravos em Pernambuco no século XIX. Brasília, Série *Textos para Discussão* n. 252, Universidade de Brasília Departamento de Economia, Outubro, 2002.

ANEXO I TABELA 1. COMPOSIÇÃO DA RIQUEZA E DÍVIDAS NO INVENTÁRIO

Composição da riqueza e dívidas	Valor	Participação/ Monte Mor
Imóveis Rurais (plantações e terras)		
Engenho da Cachoeira	87.200,000	
Engenho do Morro Alto	40.000,000	
Engenho do Saltinho	13.810,000	
Sítio da Lagoa	5.200,000	
3/4 partes do Sítio Jaguari de José de Camargo e Oliveira	4.000,000	
Sítio California nos Cristais	100,000	
Total	150.310,000	39%
Imóveis Urbanos		
Morada de casas na Rua do Imperador Campinas	4.000,000	
Morada de casas na Rua das Flores Campinas	300,000	
Chácara em São Paulo	7.000,000	
Total	11.300,000	3%
Objetos de ouro e prata, móveis, semoventes		
Ouro e Prata	5.512,960	
Bestas e Carros	5.417,200	
Gado	4.900,100	
Ovelhas	540,000	
Total	16.370,260	4%
Ativos monetários e financeiros		
Dinheiro /Ouro e Prata	178,560	
Dinheiro/Papel e Cobre	577,110	
Ações da Barca Ypiranga de Navegação Santista	6.000,000	
Total	6.755,670	2%
Escravos	184.220,000	48%
Dívidas Ativas	13.776,678	4%
MONTE-MOR	382.732,608	
DÍVIDA PASSIVA	162.979,389	43%
Despesas da administração da casa a favor do testamenteiro e inventariante	1.907,168	
Legados constantes no testamento	10.200,000	
Vintena do testamenteiro	10.984,160	
Total das dívidas	186.070,717	49%
MONTE-MOR LÍQUIDO	196.661,891	51%